

## Diálogo entre imagens: um caso de intericonicidade

*Audicéria Maria de Souza Paes*<sup>1</sup>

*José Ribamar Alves Mota*<sup>2</sup>

*Raimundo de Araújo Tocantins*<sup>3</sup>

### Resumo

Este artigo faz uma análise discursiva por meio do fenômeno da intericonicidade, tendo como *corpus* as imagens dos contos de fadas antigos (João e Maria, Branca de Neve) e as fotografias capa dos filmes acerca desses contos. A pretensão da realização dessa pesquisa se dá pelo fato da crescente produção de discursos em materialidades imagéticas que circulam no cotidiano. Propõe-se como objetivos a análise discursiva das imagens do corpus selecionado, levando em consideração as divergências entre o real e o imaginário e, a construção e desconstrução do papel social dos indivíduos. Os objetivos e as proposições acerca do assunto da pesquisa serão concretizados por meio de uma pesquisa bibliográfica. Tendo as afirmações acima, é percebido que uma imagem possui relação com outras imagens. E essa relação só é observada a partir das lembranças dos espectadores que constroem a história. Logo, nenhuma materialidade é vazia de discurso.

**Palavras-chave:** *Imagem; Intericonicidade; Análise do discurso; Memória.*

### Introdução

A capacidade do homem de produzir materialidades discursivas se avança constantemente. E essas materialidades contêm informações que não podem passar despercebidas por quem as lê. A existência de discursos nas materialidades, sejam quais forem, deixa transparecer que o homem produz e reproduz discursos, e, por meio dessas

---

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de Letras, das Faculdades Integradas Ipiranga.  
Email: audasouza1975@hotmail.com

<sup>2</sup> Acadêmico do curso de Letras, das Faculdades Integradas Ipiranga.  
Email: ribamar2@live.com

<sup>3</sup> Professor. Orientador. Mestre em linguagem e comunicação pela Universidade da Amazônia (UNAMA).

materialidades os sujeitos constituem e são constituídos. E as ideologias que se imbricam nas materialidades só são possíveis de serem interpretadas quando se ativam os campos da memória que são responsáveis para que se retome qualquer lembrança que esteja no consciente. O homem, sempre que produziu ou produz qualquer signo, deixa evidências ou indícios que posteriormente um bom analista é capaz de recolher esses indícios e relacioná-los com outros por meio da história. A esse ponto, Ginzburg (1989) cita que as construções dos homens sempre deixaram vestígios. E que esses vestígios eram interpretados por outras pessoas a fim de se determinar de quem era aquela construção.

Nessa pesquisa lançamos olhar para a construção de discursos em imagens de conto de fadas do passado e do presente através do fenômeno da intericonicidade, que de acordo com Courtine (2011), esse fenômeno trata da relação das imagens por meio da memória. A razão pela qual estacionamos nessas imagens de conto de fadas está calçada nesse mesmo autor, quando ele relata que toda materialidade é possível de ser analisada. E se toda materialidade tem traços que podem ser postos em contato com outros, é evidente que as imagens que fazem os contos de fadas são representadas como parte de outras imagens. É o próprio Courtine (2011) que nos traz luz às afirmações e proposições que pretendemos chegar. Para ele, não se pode mais separar linguagem e imagem, pois as materialidades de constituem de maneira diferente.

Em concordância com Courtine, Milanez (2013) afirma que os discursos possuem transversalidade, onde essa deixa, no interior do discurso, rastros que afetam a significação das palavras. Deixamos claro que nosso *corpus* de análise são as imagens dos contos de fadas antigos e as capas de filmes sobre os contos de fadas modernos. Isso, pois, atentar-se-á sobre os traços dos rostos que essas materialidades possuem. Também, em se tratando de sujeitos que fazem a história, é relevante nessa pesquisa, mostrar o papel do homem e da mulher no meio social, além de revelar como os discursos divergem o real e o imaginário.

As afirmações acima, de Courtine e Milanez, reforçam a pretensão de se trabalhar com o fenômeno da intericonicidade para se investigar os discursos que estão contidos em imagens de contos de fadas. Para tal, todas as discussões que serão realizadas aqui, levamos a pesquisa à luz da corrente teórica da análise do discurso. Que para Gregolin (2011), essa ciência entende a língua, mas em funcionamento, onde o sujeito faz o discurso na sociedade e na história.

Nosso objetivo é analisar os discursos imbricados nas materialidades imagéticas dos contos de fadas através do fenômeno da intericonicidade. Como objetivos específicos,

tem-se: a) analisar discursivamente as imagens dos contos de fadas antigos e modernos, b) atentar a construção e desconstrução do papel social dos indivíduos nas materialidades linguística e, c) estudar como os indícios das práticas linguísticas imagéticas são relevantes para se compreender os discursos.

Para se obter os objetivos propostos, entendemos que, numa leitura de certa imagem, o analista consiga descobrir discursos que não foram ditos, ou como fala Orlandi (2005), é o dito pelo não dito. A leitura eficaz de gêneros textuais, como os que compõem o *corpus* de análise dessa pesquisa, se dar quando agimos como um investigador, procurando as pistas possíveis que irá nos levar a conclusão das afirmações.

Essa pesquisa se sustenta nas afirmações de Maria do Rosário Gregolin, sobre discursos e mídia; Courtine, acerca do fenômeno de intericonicidade. A fim de lançarmos olhar para a memória, nos apoiamos em Halbwachs (2004) e sua *memória coletiva*. E Ginzburg, com seu *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*, para se investigar os indícios. Também é relevante passarmos pelas pesquisas de Milanez, Tocantins (2013) e os trabalhos de Michel Pêcheux.

Com todas as proposições acima, a pesquisa fica dividida em duas seções. A primeira vai tratar das discussões acerca da ciência da análise do discurso e intericonicidade. Além de revelar o papel da memória na retomada dos acontecimentos que geram essa pesquisa. E a segunda seção traz a análise propriamente dita. Pautam aí a relação entre as imagens de conto de fadas antigos e as fotografias dos filmes de conto de fadas modernos. A primeira análise fica a cargo do conto de *João e Maria* e a foto de capa do filme *João e Maria: caçadores de bruxa*. A segunda análise é a relação dialógica do filme *Branca de neve e o caçador*, (fotografia capa) com uma imagem (desenho) de *Branca de neve* (conto).

## Referencial teórico

Há muito tempo o homem vem usando da linguagem para transmitir suas ideologias. Ideologias essas que ao entrar em contato com a mídia cresceu mais rapidamente. E com a mídia, as práticas discursivas se instauraram na sociedade. Nessa seção é discutido o ramo da linguística que dar conta de análises das materialidades que fazem do homem um sujeito que opera e é operado pela história. A essa ciência chamamos de Análise do discurso. E é a mesma que discutiremos agora.

## Análise do discurso: língua em movimento

A mediação tem introduzido, na sociedade, várias materialidades carregadas de discurso. Courtine (2011) afirma que as transformações históricas fez Michel Pêcheux pensar a ciência a partir da base política, pois foi as discussões políticas que modificaram as falas públicas. O homem, então, inicia seu falar deixando rastros, indícios, que a história materializa e que é lembrado pela memória. E dessa forma, qualquer falar do homem na sociedade é cabível de existência de discurso. Para Gregolin (2011) a análise do discurso surgiu com o intuito de se observar o homem com sua história, ou seja, é a partir da inscrição do homem no contexto histórico que a análise do discurso se situa. Portanto, se não existem sujeitos sem história, não pode existir, também, materialidades sem discursos.

A análise do discurso, segundo Gregolin (2007, p. 13), “é um campo de pesquisa cujo objetivo é compreender a produção social de sentidos, realizada por sujeitos históricos, por meio da materialidade das linguagens”. Essa autora articula que tanto as regras da linguagem, quanto o histórico-social passou a ser interesse da teoria do discurso, já que essa ciência vê o ser humano como sujeito operador das práticas discursivas. Portanto, é partir daí que se observam dizeres que se cruzam nas materialidades.

A autora afirma:

O campo da análise do discurso é um lugar de discussão constante sobre a construção dessa transdisciplinaridade: língua, sociedade, historicidade, sujeito são os polos em torno dos quais vem sendo erigido o seu edifício teórico desde os anos 1960 (GREGOLIN, 2011, p. 85).

A afirmação da autora acima deixa evidente que não é possível pensar mais nos sujeitos que compõem o meio social desconsiderando sua história, pois a história, para a análise do discurso, será um dispositivo teórico-metodológico. É a partir da inscrição do sujeito na historicidade que a ciência em questão vai iniciar suas análises. Pecheux (1997, *apud* Gregolin 2005), afirma que os discursos do presente não são considerados novos, pois já foram citados anteriormente. O que acontece é a retomada por meio da memória, em um momento específico. Mas tal momento não é aleatório, pois a produção de discurso obedece uma ordem: não se diz algo apenas por dizer. Atentando aos textos de Michel Pêcheux, Gregolin chegou à conclusão de que esse teórico questionava a existência de discursos em outras materialidades, como a imagem. Para Gregolin:

“há diferentes temporalidades na história e, assim, os sujeitos não a vivem somente a partir de uma temporalidade de longa duração, mas também em temporalidades que são da instância do acontecimento, que emergem num determinado momento. Essa emergência é materializada no discurso, em palavras e imagens.” (2011, p. 90).

Com tal afirmação acima, é evidenciado a pretensão de se trabalhar nessa pesquisa, as imagens que compõem os contos de fadas, pois as imagens, agora, são materialidades, e são nessas que as ideologias percorrem e tentam atingir alguém.

### Materialidade imagética

Os contos de fadas, assim como outros gêneros textuais, possuem a linguagem verbal e a imagética. A verbal é o anunciado com as palavras, que evidencia a voz dos personagens da história. A não verbal são as imagens que compõe o todo da figura: os objetos, ambientes e demais símbolos. Com a indústria cinematográfica, os contos de fadas foram reconfigurados e transmitidos em grandes telas de cinemas. Os personagens que antes eram vistos como “coitados”, “frágeis”, agora possuem armas modernas e podem lutar com toda ferocidade.

A grande crescente indústria do cinema criou dos contos de fadas, imagens que chamam sua atenção quando visualizadas. A nossa memória, agora, contém certas imagens que nos parece semelhantes com as novas que são lançadas atualmente. Aquelas imagens antigas dos contos de fadas anteriores, criados durante as contações de histórias ficam armazenadas e são trazidas a tona pelas lembranças dos outros e pelos fatos na sociedade. Esses fatos, para essa pesquisa, são as materialidades novas que surgem com a cinematografia. Em concordância a essa afirmação, Halbwachs cita:

A memória individual não está inteiramente isolada e fechada. Um homem tem necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade. [...] Não é menos verdade que não nos lembramos senão do que vimos, fizemos, sentimos, pensamos num momento do tempo, isto é, que nossa memória não se confunde com a dos outros (2004, p. 54).

Mas há uma necessidade de ir além dessa construção e reconstrução de imagens através da memória. Pois materialidades como a que está sendo estudada aqui detêm de discursos que são modelados, reconfigurados e lembrados pelas práticas sociais. E são discursos, que muitas vezes, modificam as identidades e os costumes existentes e ditos

fixos que há atualmente. E a necessidade de se passar além dos encantamentos das imagens, explicamos apoiados em Gregolin e Ginzburg. Para Gregolin:

Sempre haverá possibilidade de um acontecimento ser retomado, transformado, relido. Por isso a imagem é uma operadora de simbolização, podemos ampliar essa ideia e pensar que as imagens nunca aparecem isoladas, estão sempre rodeados de elementos verbais e, portanto, devemos pensar que a relação entre materialidades (verbal e não verbal) é operadora da memória (2011, p. 92).

O que a autora explica é que a imagem, além de operar a simbolização (encantamento dos contos de fadas antigos), também opera a memória, quando trás acontecimentos históricos e que são retomados pelas lembranças. E são esses os acontecimentos que a cinematografia instaura por meio dos filmes de contos de fadas modernos. Logo, por um instante, o cinema mostrará tal discurso, tal acontecimento e, esconderá outros. Mas mesmo os discursos que são silenciados, não fogem da memória dos espectadores, uma vez que eles já presenciaram essas ocorrências em sua vida. Seja através do real ou do imaginário dos contos de fadas. É o que Gregolin afirma: “o acontecimento se dá em momento singular, mas a sua essência se encontrará para sempre na própria estrutura do objeto cultural que o representará”. (2011, p. 90).

Por sua vez, Ginzburg (1989) refere-se à imagem como sendo possuidora de indícios que jamais poderão ser negligenciados. E reforça que é a partir desses fragmentos mínimos que será possível uma interpretação coerente do objeto selecionado. E já que selecionamos como corpus de análise as imagens dos contos de fadas antigos e modernos, os fragmentos que compõem esse gênero se relacionarão com outros por meio da historicidade das imagens, que chama-se intericonicidade. E é esse fenômeno que estudaremos a seguir.

### Diálogo entre imagens: um caso de intericonicidade

A ideia de coincidência entre dois ou mais objetos leva as pessoas a uma leitura simples e ineficaz acerca de tal realidade, justificando sempre que não passa de uma semelhança apenas entre duas coisas. A crescente mediatização tem produzido materialidades, que a uma leitura desatenta deixa passar informações relevantes acerca de tal prática social. A intericonicidade, segundo Tocantins (2013 apud Courtine 2011), surgiu com o objetivo de discutir as imagens através da memória. Esse fenômeno põe ao lado as

imagens e as relaciona com a história, mostrando que há discursos atravessados por meio das práticas históricas. Foi estudando Courtine que Tocantins percebeu o quanto a intericonicidade é relevante à análise das imagens. E Courtine (2011) dá-nos luz a essa pesquisa com o conceito de intericonicidade. Para ele:

A intericonicidade supõe, portanto, dar um tratamento discursivo às imagens, supõe considerar as relações entre imagens que produzem os sentidos: imagens exteriores ao sujeito, como quando uma imagem pode ser escrita em uma série de imagens, uma arqueologia, de modo semelhante ao enunciado em uma rede de formulações, Foucault; mas também imagens internas, que supõem a consideração de todo conjunto da memória da imagem no indivíduo. (COURTINE, 2011, p. 160).

Com tais afirmações dos dois autores acima, essa pesquisa se sustenta ao pretender analisar as imagens dos contos de fadas antigos e modernos. Percebe-se nas imagens produzidas pelo cinema que há um diálogo com as imagens dos contos passados. Tal diálogo traz a tona a questão da identidade e o papel da mulher no meio social. A inscrição dos personagens nas materialidades não se dar pelo acaso. E é essa inscrição do sujeito e sua história que o fenômeno da intericonicidade vai atentar. E só haverá diálogo se houver transversalidade, que segundo Milanez (2013) essa transversalidade compreende o interdiscurso, que para ele são as falas que se cruzam e fazem os elementos discursivos se ligarem. O autor ainda afirma: “Digamos que essa transversalidade que se situa no interior e no exterior do discurso deixa rastros nos dizeres dos sujeitos e afeta, de certo modo, o próprio sentido das palavras.” (2013, p. 345).

Courtine (2011) também esclarece que a intericonicidade mexe com a memória e as lembranças. Logo é a partir do armazenamento das informações na memória do espectador que será possível a relação entre imagens. A esse dizer, Halbwachs esclarece que:

Se as imagens se fundem tão intimamente com as lembranças, e se elas parecem emprestar a estas sua substância, é que nossa memória não é uma tábula rasa, e que nos sentimos capazes, por nossas próprias forças, de perceber, como num espelho turvo, alguns traços e alguns contornos que nos devolveriam a imagem do passado (2004, p. 28).

Se nossa discussão, nessa seção, é o fenômeno da intericonicidade, é evidente que procuramos relacionar as imagens atuais com as passadas, a fim de se obter discursividades acerca de ideologias que se imbricam na materialidade que é o nosso foco aqui. Observar uma imagem pelo fenômeno da intericonicidade é não deixar de lado todos os traços

presentes no objeto a ser analisado. Pois são esses traços que nos darão referências a outros que já participaram de acontecimento na história. A isso Courtine afirma: “nenhum aspecto deve ser negligenciado, se quisermos apreender o que ali ocorre.” (2011, p. 150). Ou seja, qualquer cor, objeto ou símbolo é importante quanto se deseja obter resultados coerentes numa análise. Se Courtine cita *aspecto*, Ginzburg, por sua vez, afirma ser *indícios*, o pormenor existente numa materialidade.

Pormenores normalmente considerados sem importância, ou até triviais, ‘baixos’, forneciam a chave para acender aos produtos mais elevados do espírito humano [...] Pistas talvez infinitesimais permitem captar uma realidade mais profunda, de outra forma inatingível (GINZBURG, 1989, p. 150).

E é o próprio espectador que será capaz de desvendar e procurar as pistas do mistério em questão. O bom analista de materialidades imagéticas torna-se um detetive e se põe a procurar aquilo que vai gerar interpretação do signo que é analisado. Os signos se relacionam com a história, e é a partir dessa relação que será cabível de geração de interpretação, tanto do que está evidente quanto do que está escondido, apagado ou esquecido.

Com o exposto acima, entende-se que a partir da capacidade do homem de produzir discursos em materialidades imagéticas levou a uma necessidade de se criar uma teoria do discurso, a fim de se analisar a inscrição do homem na história e as condições de produção daquele discurso. E com o avanço da midiaticização, Courtine (2011) também viu a exigência para a criação do conceito de intericonicidade, pois se as imagens se relacionavam com a história, através da memória, necessitava de uma ciência que pudesse dar conta dessa análise.

## Método

A presente pesquisa é de natureza aplicada, pois com ela procura-se gerar conhecimentos para ser aplicados no dia a dia dos espectadores que são rodeados de materialidades imagéticas que contém discursos. Logo através dessa pesquisa é possível a solução de problemas pertinentes ao assunto. Portanto temos o problema como abordagem qualitativa, uma vez que se levam em consideração, as discussões estabelecidas pelos teóricos pesquisados, a fim de se relacionar com os objetivos propostos nessa pesquisa. Analisaremos as imagens em uma lógica de interpretação, ou seja, será tomado o *corpus* de análise e a partir daí, posto em relação com o mundo exterior real, gerando, assim, significado.

Nessa pesquisa, a fim de se obter resultados e afirmações acerca da natureza em questão, é realizada uma pesquisa bibliográfica. Esse tipo de pesquisa se inicia com a leitura dos materiais disponíveis para investigação, sejam eles livros, revistas, artigos e demais fontes. Para Severino a pesquisa bibliográfica

É aquela em que se realiza a partir dos registros disponíveis, decorrente de pesquisas anteriores, em documentos impressos, como livros, artigos, teses etc. Utilizam-se dados ou de categorias teóricas já trabalhados por outros pesquisadores e devidamente registrados (SEVERINO, 2007, p. 122).

É importante deixar claro que na pesquisa bibliográfica, os pesquisadores são investigadores, que, a partir dos materiais disponíveis, procurarão formas de solucionar os problemas levantados, a fim de contribuir com o avanço da ciência. Segundo Boaventura (2009) os pesquisadores andam de acordo com suas necessidades, selecionando fontes que sejam coerentes para a concretização da sonhada pesquisa.

Tem-se como instrumento de coleta de dados sistemático. Aqui será feito uma análise das ideologias que se cruzam nas imagens através do fenômeno da intericonicidade.

## Resultados e discussões

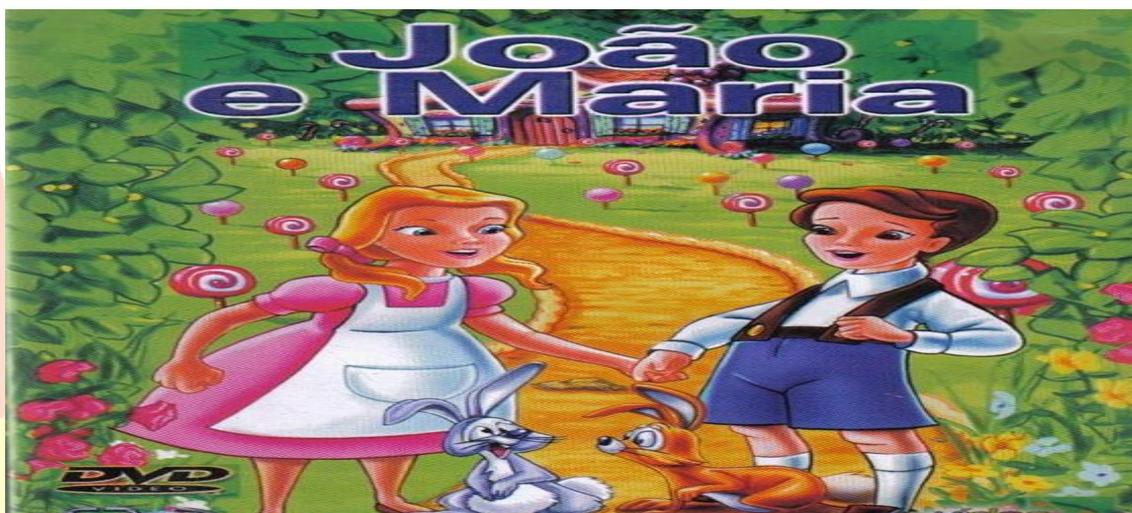
O homem, ao produzir discursos nas materialidades imagéticas, deixa rastros acerca de determinado fenômeno social. Esses rastros, nada mais são que pistas, as quais levam os espectadores ao desvendamento do mistério em questão. A necessidade de se analisar uma imagens pela corrente teórica da análise do discurso se dá pelo fato de que o homem passou a produzir ideologias de maneira minuciosa. E para se compreender essas ideologias, necessita-se perguntar quem são os sujeitos do fato histórico que a materialidade carrega; quais as condições de produção daquele discurso e, qual o contexto do discurso em questão. Para Courtine (2011), a maneira de articulação das imagens umas às outras só é possível:

Pela identificação, pela detecção dos indícios no material significante da imagem, dos traços que foram deixados por outras imagens, e pela reconstrução a partir desses traços da genealogia das imagens de nossa cultura (2011, p. 160).

Nessa seção são realizadas as análises das imagens dos contos de fadas antigos e modernos. Leva-se em consideração o homem como sujeito que opera e é operado pela história, além dos discursos transversos que o *corpus* de análise possui. A primeira análise

é realizada em cima do famoso conto de João e Maria. Para que se ocorra diálogo, a fotografia capa do filme *João e Maria: caçadores de bruxas* é posta ao lado da imagem do conto. O conto de João e Maria retrata a história de um casal de crianças que se aventuraram pela floresta em busca de alimentação e abrigo. A imagem 1 mostra esse episódio.

Imagem 1: Conto de fadas: João e Maria



Fonte: Google imagem

A criação de imagens que retratem estórias surge a partir da imaginação, que, sejam crianças ou adultos, sempre há essa possibilidade de criação dos acontecimentos fictícios. Nessa primeira imagem percebe-se que há um ambiente pacífico e harmonioso. O encanto dos contos de fadas se dá pela utilização dos objetos simbólicos: floresta, animais e demais signos que a imaginação cria. Nessa cena, é possível ver os dois personagens se ligarem por meio do olhar. Seus olhos se encontram a tal ponto de não ser possível ar de maldade. Seus rostos possuem tão sorriso que deixa transparecer a felicidade de estar um com o outro. As expressões no rosto são discutidas em Courtine (2011). Ele revela que a história produz signo e sentido no rosto e na expressão. A fim de criarmos uma série de imagens.

Pegemos a imagem do conto de fada com a fotografia do filme acerca do mesmo conto:

Imagem 2: Montagem: Conto de fadas e filme



Montagem: José Mota e Audiceria Paes

Quando se põe as imagens em conexão, percebe-se que a presença de discurso é evidente. E tal materialidade revela o papel social das pessoas. Enquanto o conto de fada remonta as aventuras de crianças inocentes, que, com suas peripécias descobrem encantamentos, o cinema procura mostrar a divergência entre a fantasia e a realidade. Isso é evidente no uso de armas pelos atores de cinema. Mesmo que não se saiba do que ocorre na segunda figura da montagem acima, tal acontecimento é retomado pela memória, seja da nossa própria, ou através das lembranças dos outros. É o que Halbwachs afirma:

Mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nós estivemos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós (2004, p. 26).

Na segunda imagem da montagem acima, o papel da mulher é posto em questão, evidenciando que não se precisa mais da companhia masculina para se combater lutas e enfrentar perigos. O rosto da atriz está em primeiro plano, e junto com ela se encontra uma arma. A figura masculina, dessa vez, é posta para trás, diferentemente do que ocorre nas histórias dos contos de fadas antigos, onde a mulher sempre encontrava proteção nos

homem. Ainda sobre essa imagem, percebe-se que tanto as armas, quanto os personagens encontram-se com olhar fixo, transfigurando uma perspectiva retilínea. O rosto dos personagens não evidencia sorriso, evidenciando a contraposição da inocência (aventura) com a realidade.

É atentado nesse diálogo entre essas duas imagens, que os sujeitos que se inscrevem na história produzem discursos, uma vez que, o que se está pondo em discussão é o papel social das pessoas. E são discursos que podem modificar, fragmentar ou desestruturar a identidade humana. A mídia usa de materialidades verbais e não verbais para introduzir ideologias nos espectadores. Gregolin afirma:

As mídias desempenham o papel de mediação entre seus leitores e a realidade. O que os textos da mídia oferecem não é a realidade, mas uma construção que permite ao leitor produzir formas simbólicas de representação da sua relação com a realidade concreta (2007, p. 16).

Nessa pesquisa, que se procura criar um diálogo entre imagens a partir do fenômeno da intericonicidade, o *corpus* de análise possui sujeitos e acontecimentos históricos que já estão inscritos na memória. Logo todos os acontecimentos do cinema acerca dos contos de fadas não são novos, uma vez que já estão imbricados na história e podem ser retomados. Pêcheux (1999), afirma que o novo não está naquilo que é dito iminentemente, mas no seu retorno enquanto acontecimento.

Prosseguindo em nossas análises, peguemos uma imagem de outro conto de fadas, o de *Branca de Neve*. A história desse conto revela a história da princesa Branca de Neve, assim chamada por ter a pele muito branca, os lábios vermelhos como o sangue e os cabelos negros como o ébano e que vivia num lindo castelo. Nesse período havia uma feiticeira, vendo que a Branca de Neve possuiria uma beleza que excederia a sua, obrigou-a a fazer todo o trabalho no castelo. A estória da Branca de Neve, ainda revela uma mulher que é admirada pelo príncipe das redondezas daquele período. Na imagem a seguir, percebe-se todo o encanto da fantasia simbólica gerado pela narrativa. O ambiente é mostrado como um paraíso: castelos, animais, árvores com muitas cores.

Imagem 3: Conto de fadas: Branca de Neve



Fonte: Google imagem

Essa é uma imagem que já se inscreve na memória do espectador. Nela, vemos a alegria de a mulher está junto ao homem. Os braços do príncipe envolve a mulher e lhe passa carinho e proteção. Já que nesse período, a estória enfatiza que a figura feminina procurava abrigo e proteção ao homem. Courtine (2011, p. 150) ao afirmar que “a expressão pela linguagem conjuga-se com aquela do rosto”, deixa evidências de que os traços das materialidades imagéticas ligam-se às práticas linguísticas, isto é, a configuração do rosto dos personagens, como os da imagem acima, geram discursos, os quais só poderão ser interpretados quando se tem um elo entre linguagem e imagem. A imagem acima dialoga com outra imagem, a fotografia capa do *filme Branca de neve e o caçador*. Ao se por lado a lado as duas imagens, as discursividades se instauram na materialidade. E nessa instauração de discurso, o que prevalece são a desconstrução da fantasia e o papel social da mulher.

Imagem 4: Montagem: conto de fadas e filme



Montagem: José Mota e Audiceria Paes

Quando se olham as duas imagens, percebe-se que o príncipe e a princesa não se encontram mais juntos na imagem 2 da montagem. Esse acontecimento configura um distanciamento entre homem e mulher, revelando que um não depende mais do outro. Tais imagens ao se instaurarem nos acontecimentos históricos faz surgir outras imagens diferentes daquelas que estão armazenadas na memória dos espectadores. A isso Courtine afirma:

A intericonicidade supõe a relação entre imagens externas, mas também entre imagens internas, as imagens da lembrança, as imagens da rememoração, as imagens das impressões visuais armazenadas pelo indivíduo. Não há imagem que não faça ressurgir em nós outras imagens, quer essas imagens tenham sido já vistas ou simplesmente imaginadas. (2011, p. 160).

O apagamento da aversão homem/mulher na imagem 1 da montagem acima se dá pelo fato de se tratar de uma cena voltada para o público infantil. Enquanto a existência dessa aversão (discurso) na imagem 2 é pelo fato de está imbricado numa materialidade voltada ao público jovem. Nesse pensar, Gregolin (2007, p. 15) destaca que “a produção do discurso é controlada, selecionada, organizada e redistribuída por procedimentos que visam a determinar aquilo que pode ser dito em certo momento histórico”.

Prosseguindo na análise, atentemos agora a configuração do olhar dos personagens dessas imagens. A imagem 1 da montagem tem em seus personagens um olhar direcionado

para baixo, está em conformidade simétrica. Atingindo uma ordem do discurso, no qual tanto o príncipe e a princesa encontram-se em concordância.

Imagem 5: Montagem: Conto de fadas e filme



Montagem: José Mota e Audiceria Paes

Já a imagem 2 dessa montagem traz os personagens em discordâncias quanto ao olhar. A direção do olhar da mulher é diferente da direção do olhar do homem. Evidenciando a contraposição entre o real e o imaginário. Nessa perspectiva, Milanez (2011, p. 206 *apud* Courtine e Haroche, 1994) afirma que “todo traço que constitui a superfície do corpo possui um valor de índice”. E esses índices materializados pelo cinema (para essa pesquisa), configura o distanciamento entre homem e mulher.

Portanto, com o estabelecido acima, percebe-se que os discursos são móveis e se metamorfoseiam nas materialidades verbais e não verbais que circulam no cotidiano. É a função dos espectadores, ficar atentos quando a essa circulação que traz discursos transversos.

## Conclusões e recomendações

Nessa pesquisa, onde se atentou a existência de discursos nas imagens que compõem os contos de fadas antigos e as fotografias capa dos filmes sobre os contos de fadas modernos, ficou evidente a circulação de ideologias que se inscrevem na história e são retomados por meio da memória. O fenômeno da intericonicidade foi relevante para se investigar esses discursos que desviam os olhares para outros acontecimentos. É

importante que nós, como espectadores de acontecimentos do dia a dia, tenhamos sempre métodos de percepção para se investigar os discursos paralelos que se imbricam nesses *corpus* e em outros da mesma natureza. Isso para que não venhamos perder a essência de uma imagem ou outra materialidade.

Trabalhar as imagens pela corrente teórica da análise do discurso, em sala de aula, é relevante para se instigar, nos alunos, a capacidade de leitura a partir dos traços, indícios e fragmentos minuciosos que geram a discussões em torno às práticas sociais. Portanto, é dever da escola preparar os discentes para leituras que não venham a ser apenas palavras, mas imagens, músicas, pinturas e demais materialidades.

Recomenda-se essa pesquisa aos estudantes do curso de Letras e pesquisadores da linguagem. Pois se toda materialidade é possível de ser analisada, é significativo que outras pesquisas, como essa, venham ser concretizadas. Os *corpus* são muitos, necessita-se de mais pesquisadores.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

\_\_\_\_\_. *Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades*. Vol. 4. São Paulo: Comunicação, mídia e consumo, 2007. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/>> Acesso em: 20 fev 2015.

\_\_\_\_\_. *Análise do discurso e semiologia: Enfrentando discursividades contemporâneas*. In: PIOVEZANI, C, CURCINO, L, SARGENTINI, V. Discurso, semiologia e história. São Carlos: Claraluz, 2011.

BOAVENTURA, Edivaldo M. *Metodologia da pesquisa: monografia, dissertação, tese*. São Paulo: Atlas, 2009.

COURTINE, J.J. *Discurso e imagens: Para uma arqueologia do imaginário*. In: PIOVEZANI, C, CURCINO, L, SARGENTINI, V. Discurso, semiologia e história. São Carlos: Claraluz, 2011.

GINZBURG, C. *Sinais: raízes de um paradigma indiciário*. In: \_\_\_\_\_ *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

GREGOLIN, Maria do Rosário. *Formação Discursiva, redes de memória e trajetos sociais de sentido: mídia e produção de identidades*. Porto alegre, 2005. Disponível em: <<http://www.uems.br>> Acesso em: 25 fev 2015

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. Tradução de Walderedo Ismael de Oliveira. São Paulo, Centauro, 2004.

\_\_\_\_\_. *Materialidades da Paixão: sentidos para uma semiologia do corpo*. In: PIOVEZANI, C, CURCINO, L, SARGENTINI, V. *Discurso, semiologia e história*. São Carlos: Claraluz, 2011.

MILANEZ, Nilton. *Intericonicidade: funcionamento discursivo da memória das imagens*. Paraná, Acta Scientiarum, 2013. Disponível em: <[www.periodicos.uem.br](http://www.periodicos.uem.br)> Acesso em: 10 out 2014.

ORLANDI, Eni Puccineli. *Análise do discurso: Princípios e procedimentos*. 6. ed. São Paulo, Pontes, 2005.

PÊCHEUX, Michel. *Papel da memória*. In: ACHARD, P. *et al.* (Org.). *Papel da memória*. Tradução de José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999.

SEVERINO, Antônio Joaquim. *Metodologia do trabalho científico: 23*. Ed. São Paulo: Cortez, 2007.

TOCANTINS, Raimundo de Araújo. *Mulheres indígenas no Facebook: corpos, intericonicidade e identidades*. Belém. Unama, 2013.